

Multidão busca atendimento

MARIA FERRI
DA EQUIPE DO CORREIO

O posto de Saúde de São Sebastião amanheceu lotado de pacientes. Preocupados, após a morte inexplicável de três jovens no fim de semana, muitos diziam ter os mesmos sintomas das vítimas: dor de cabeça e febre. Dois dos mortos eram moradores da cidade e o terceiro, do Paranoá. A direção da unidade não quis revelar o número de atendimentos ontem. Alegou que só a Secretaria de Saúde poderia passar dados. Por volta das 10h30, havia pelo menos cem pacientes nas filas, a maioria crianças. À tarde, o movimento aumentou, principalmente na pediatria. O que levou os moradores ao centro de saúde foi o medo de contaminação pela doença desconhecida.

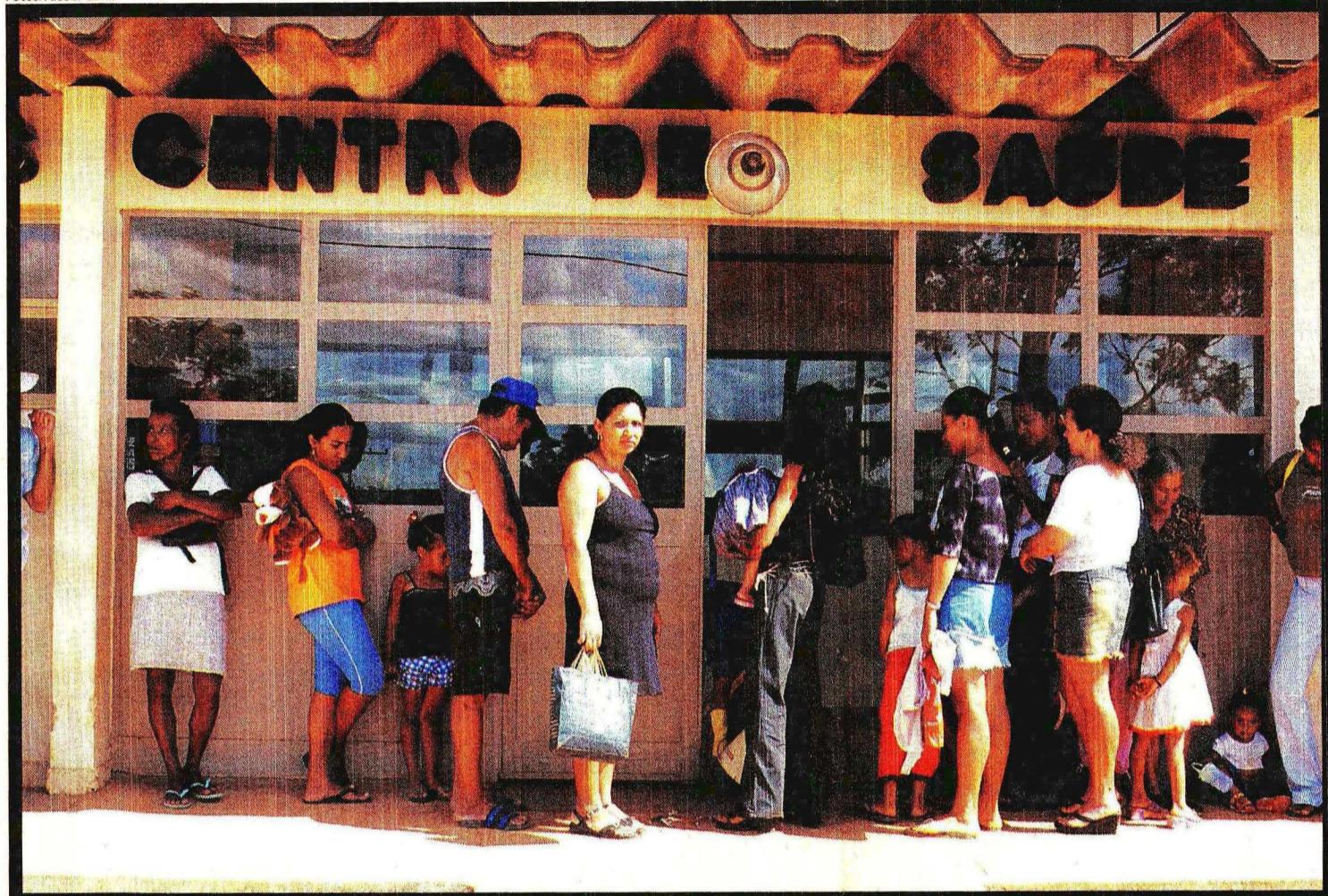
Depois de esperar horas por atendimento, o vendedor autônomo Roberto Simões dos Santos, 23 anos, perdeu a paciência. Ele chegou na unidade de saúde às 10h com o filho Wadson Robert Chaves, de 7 meses, com febre alta. No posto, pouco antes das 12h, o menino vomitou. Roberto invadiu a sala onde estavam os médicos e enfermeiros. "Quando vi meu filho nesse estado, me desesperei", contou.

Mas, até as 15h15 a criança ainda não tinha sido atendida. "Meu filho vomitou de manhã, antes de sair de casa, e só aqui outras duas vezes. Também está com diarréia e chegou a ficar roxo. Ele não costuma ficar doente assim", contou a mãe, Antônia Glauçivane Pessoa Chaves, 24, às 15h de ontem, sentada à espera de atendimento.

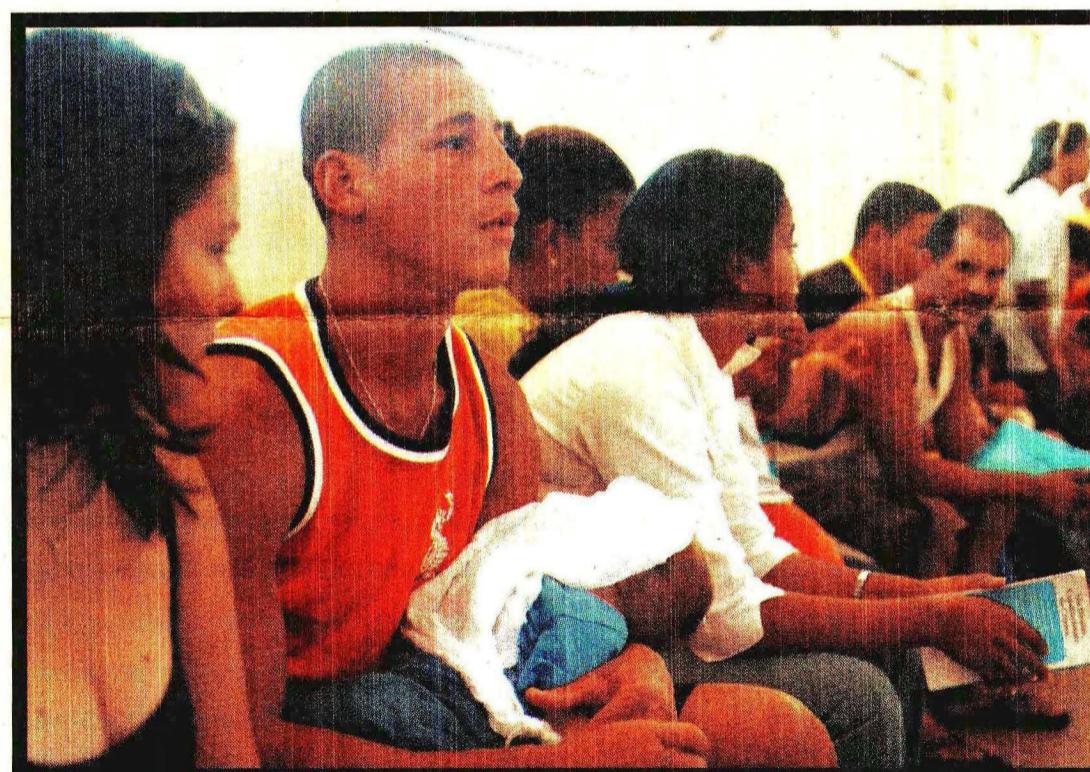
O casal estava angustiado por causa da doença misteriosa. "Não sei o que meu filho tem e acho que o governo sabe o que está matando e não quer revelar", avaliou Antônia. "Ele só toma o mesmo leite e come da sopa que faço. A água de casa é da Caesb. Alguém precisa explicar o que está acontecendo", desesperou-se Roberto. "Se não soubermos que doença está matando, como tomarei as medidas certas de prevenção?", questionou o vendedor, que mora na quadra 102 de São Sebastião. Ele não conseguiu atendimento para o filho, que continuava com febre e diarréia, e pretendia voltar hoje ao posto.

As donas-de-casa, Nailde Alves de Araújo, 34, e Francilene Carvalho, 23, também levaram os filhos para serem atendidos no posto de Saúde. Nailde estava preocupada com o vômito e a diarréia da filha, Mariana, de 4 anos. E Francineide com a febre de Gustavo, 2. Os sintomas apareceram nas crianças na noite do último domingo. "Eu fiquei com medo de ser a tal doença desconhecida. Só tenho uma filha. Deus me livre se algo acontecer com ela", disse

Fotos: Kleber Lima



DESENDE CEDO, FILAS SE FORMARAM NA FRENTE DO CENTRO DE SAÚDE DE SÃO SEBASTIÃO: LÁ DENTRO CENTENAS DE PESSOAS JÁ AGUARDAVAM ATENDIMENTO



ROBERTO SIMÕES LEVOU AO POSTO O FILHO WADSON ROBERT, DE APENAS 7 MESES, COM FEBRE ALTA E VÔMITOS

Nailde. "Ela já teve sopro no coração e precisou ser operada. Temo que a imunidade dela esteja baixa e, com isso, ela fique mais sujeita a adquirir essa doença."

Nailde não suspeita da água porque a casa dela, na quadra 33 do bairro São José, em São Sebastião, é abastecida pela Caesb. Já Francineide levantou a hipótese de contaminação no poço da fazenda onde mora, perto de Nova Betânia. Mas acha pouco provável. "Pode até ser a água, mas

acredito que se fosse mesmo isso eu e minha família estaríamos com o mesmo sintoma do meu filho", avaliou. Gustavo, segundo a mãe, estava com uma febre de 38 graus. "Nunca passou de 37,5 graus. Estou com muito receio de ser algo grave."

Angustiada também estava Marleide Pereira Martins, 32. A filha dela, Beatriz, 4, está com febre desde domingo à noite. "Ela (Beatriz) diz ainda que está cor do rosto. Ela só fica assim

quando está gripada. Só que ela não está com catarro e nem com o nariz escorrendo", detalhou a mãe. "Estou assustada com essa febre repentina. A menina está ameaçada", completou Marleide, moradora da rua 41-A, centro de São Sebastião.

Ninguém no posto de saúde quis comentar sobre os sintomas sentidos pelos pacientes. A direção limitou-se a dizer que todas as informações estavam concentradas na Secretaria de Saúde.

Alunos assustados

A apreensão dos moradores da cidade não era sentida apenas nas filas no posto de saúde. Pelas ruas, não se falava em outro assunto. Nas escolas, professores organizavam uma caminhada, prevista para sexta-feira, quando pretendem cobrar uma resposta para as mortes. "Falta transparência do poder público. Ele não pode se omitir de dar informações sobre o que está havendo por aqui", cobrou o professor de História João Almeida, do Centro de Ensino Cerâmica São Paulo. "Os alunos e toda a população estão assustados."

No Centro de Ensino Fundamental do Bosque (CEF-Bosque), onde estudava Denifer Quintanilha, uma das jovens mortas, o clima também era de medo. "Os alunos estão receosos de tomar água. Pensam que tem a ver com o abastecimento", conta a diretora do CEF Bosque, Christiane Bertulli. "Os professores orientaram os estudantes a continuar usando os bebedouros porque a água daqui é fornecida pela Caesb. Acho até mais seguro eles estarem dentro da escola, estudando, do que lá fora, já que não sabemos a causa das mortes e corre boatos de que podem ser cisternas contaminadas", avançou a diretora.

Além de Denifer, morreram de forma misteriosa Adauto Silva de Lima, 17, e uma terceira jovem, com idade entre 15 e 19 anos, cuja identidade não foi divulgada pela Secretaria de Saúde.